



HOT BLADE 2018

Texto Tenente-Coronel João «Jedi» Rosa
Fotos DFA/CAV Primeiro-Sargento Carlos Barbosa

«Nunca tantos deveram tanto a tão poucos»

Extrato do discurso de Winston Churchill proferido na Câmara dos Comuns em 20 de agosto de 1940, após a Royal Air Force ter resistido a um ataque massivo da Luftwaffe numa tentativa infrutífera de dominar o espaço aéreo britânico.





Alouette III



Esta expressão histórica, ainda que claramente excessiva quando aplicada à organização de um exercício desta grandeza, não deixa de ser simbolicamente adequada ao trabalho feito pelo nosso pequeno (Grande) País na organização de tão dimensionalmente relevante evento Europeu. A realidade é de que passadas três semanas de Exercício, as palavras dos participantes não deixaram de ser extraordinariamente elogiosas perante o produto apresentado a tantos por tão poucos.

O *Hot Blade* 2018 decorreu no passado mês de maio em Beja. Foi dia 23 desse mês,



Antonov AH-124-100



e após três semanas de trabalho árduo mas recompensador, que o Diretor das Operações Aéreas, Brigadeiro-General Rui Freitas, deu como oficialmente encerrado este Exercício de Helicópteros organizado pela Força Aérea Portuguesa em parceria com a Agência de Defesa Europeia.

Foi com 29 meios aéreos e cerca de 1200 pessoas, que seis países voaram mais de 550 horas de voo. Neste que foi o 12.º exercício de helicópteros feito sob égide da EDA, através do seu *Helicopter Exercise Program* (HEP), ficou mais uma vez bem patente o imenso valor acrescentado que acarreta o



Mi-17 da Força Aérea da Hungria



Chegada do Ministro da Defesa Nacional, Prof. Doutor José Azeredo Lopes



General Rovisco Duarte recebe o patch do Hot Blade do General Manuel Teixeira Rolo





EH-101 Merlin

treino cooperativo multinacional. Os Estados participantes beneficiaram diretamente, e em toda a linha, deste que foi um grande desafio levado a cabo em condições extremas (*hot, dusty, mountainous conditions*). Esta aposta beneficiou tripulações, manutenção, pessoal de apoio e tropas especiais, que tiveram oportunidade de treinar num ambiente realista e desafiante. Motivados pelo sucesso, internacionalmente reconhecido, que foram as três edições anteriormente organizadas em território nacional (*Hot Blade 12, 13 e 14*), a Força Aérea Portuguesa aceitou mais este desafio e apresentou garbosamente o produto de meses de trabalho que permitiram criar condições excelentes para o exemplar desenrolar do Exercício. Atingindo patamares de excelência, a nossa Instituição colocou novamente

bem alto o nome de Portugal, justificando mais uma vez a aposta da EDA no nosso país para a organização deste que é o maior evento europeu anual de helicópteros.

Seis Estados Membros (Bélgica, Alemanha, Hungria, Holanda, Eslovénia e Portugal) destacaram meios, num total de 20 helicópteros de sete tipos diferentes (ALIII, A-109, AS-532, EH-101, CH-47, MI-17 e NH-90). Para além destes, Portugal contribuiu também com os seus caça/escolta F-16 *Fighting Falcon* e com a aeronave de transporte tático, C-295.

Inerentes à operação da generalidade dos helicópteros são as várias forças especiais. Sem elas, o ponto culminante da maioria das missões não seria atingido. Múltiplas forças especiais e especializadas portuguesas tiveram a oportunidade de mais uma vez



AS-532 holandês





EH-101 Merlin



A-109 da Força Aérea Belga



NH-90 do exército alemão



CH-47 da Força Aérea Holandesa



AS-532 da Força Aérea Holandesa



AS-532 da Força Aérea Eslovena

demonstrar o fruto do seu trabalho. Assim, aquelas que de forma aguerrida e elegante mostraram todo o seu potencial, respondendo eficazmente presente, foram: Núcleo de Operações Táticas de Projeção (Força Aérea), Força de Tropas Comando (Exército), Força de Operações Especiais (Exército), Força de Tropas Paraquedistas (Exército), Equipas médicas aerotransportadas (Forças Aéreas de Portugal e Eslovénia) e destacamento de precursores da BRR (Exército).

Tal como todos os exercícios também este contou com três fases distintas: fase de preparação, fase de execução (LIVEX) e a fase de extração de lições apreendidas.

FASE DE PREPARAÇÃO

Iniciou-se em dezembro com a *Initial Planning Conference* (IPC). Nesta reunião são reveladas as linhas mestras arquitetadas para o Exercício e são recebidas intenções dos participantes quer em matéria de meios a envolver quer em matéria de objetivos de treino. Ao longo dos restantes meses a organização do Exercício (EXCON) e os participantes viriam a encontrar-se mais duas vezes, *Main Planning Conference* (MPC) e *Final Coordination Conference* (FCC). Nestas são dirimidos até ao mais ínfimo pormenor todos os planeamentos de missões e são acertados todos os detalhes logísticos, financeiros e legais entre outros.

FASE DE EXECUÇÃO (LIVEX)

Durante a primeira semana foram apresentados os indispensáveis *briefings* que garantiram o eficaz e seguro início das operações aéreas. Mais especificamente, foram abordados temas como: segurança de voo, procedimentos de voo locais, ritmo de trabalho diário, cenário & *intelligence* e refrescamento dos procedimentos operacionais relacionados com o planeamento e execução de missões conjuntas. Seguiu-se a este elemento teórico, um outro mais prático que visou a familiarização com as variáveis presentes, nomeadamente: simulação de emergências, adaptação das Forças Especiais aos vários helicópteros para garan-



tir excelente nível de segurança, treino das equipas de bombeiros e contacto prático com os vários procedimentos locais (Base Aérea de Beja). Os dois últimos dias da semana foram concluídos com voos diurnos e noturnos de adaptação ao voo local e às carreiras de tiro disponibilizadas pela Nação hospedeira, Portugal.

Durante a segunda semana, as tripulações foram expostas a missões mais complexas, em ambiente exigente, mas realista, fazendo uso de todas as condições que o nosso país e a nossa Força Aérea puderam proporcionar, sejam as carreiras de tiro, as condições montanhosas ou o treino numa FARP (*Forward Arming and Refueling Point Operations*) executado no Polígono de Tancos. À medida que o Exercício ia avançando as tripulações foram sendo expostas a um nível de exigência ascendente, culminando com o planeamento, *briefing*, execução e *debriefing* de vários *Composite Air Operation* (COMAO).

Estes COMAO cobriram um elevado espectro de missões, obrigando as tripulações a recorrer a táticas e manobras avançadas, trabalhando com tropas embarcadas e integradas, com caças F-16 que protegiam a sua progressão e com equipas de controlo aéreo próximo (TACP), que controlavam os seus avanços sempre que fosse necessário apoio aéreo ou coordenação próxima com movimentações mais complexas no solo. Simultaneamente, os participantes eram expostos a ameaça real e realista, tanto Ar-Ar como Solo-Ar, garantida por:

- Ar-Ar. Caças F-16. Simulando vários tipos de caças de 4.ª Geração;
- Solo-Ar. Simulador de ameaças Britânico. Simulando o SA7 e o SA8;
- SA7 – sistema portátil, disparado do ombro, otimizado para aeronaves a baixa altitude, com sistema de guiamento infravermelho.
- SA8 – sistema tático de médio alcance, altamente móvel e com guiamento radar.

FASE DE LIÇÕES APREENDIDAS

Em preparação para futuros exercícios, e imbuída do espírito de melhoria contínua, a Força Aérea Portuguesa iniciou desde logo o processo de recolha de lições apreendidas. Em conjunto com a EDA e com os restantes países envolvidos, Portugal está desde logo a contribuir para o su-



SA7



SA8



Foto 15ar Manuel Cascalheira

BGen Pinheiro de Freitas, Cor Fernando Costa e TCor João Rosa

cesso do próximo Exercício da série *Blade*, que decorrerá na República Checa já em 2019. Esta contribuição surge sob a forma de um extensivo relato de todas as opções e ações feitas durante o HB18 e que de forma mais ou menos positiva tenham contribuído para o sucesso deste Exercício Internacional.

CONCLUSÃO

A experiência de planejar, preparar, executar e aprender numa base conjunta e combinada, é um requisito crítico para man-

ter a preparação operacional num nível realista. Com a maioria das nações a enfrentar constrangimentos orçamentais, este nível de ambição em termos de treino avançado é praticamente impossível de alcançar de forma nacional e individual. Adicionalmente mesmo que uma fria análise de custo/benefício não se revelasse suficiente, o fator interoperabilidade desequilibra a balança, tal como ficou patente no discurso de encerramento do Brigadeiro-General Rui Freitas, Diretor do Exercício – «*Together we are stronger*». ✚